



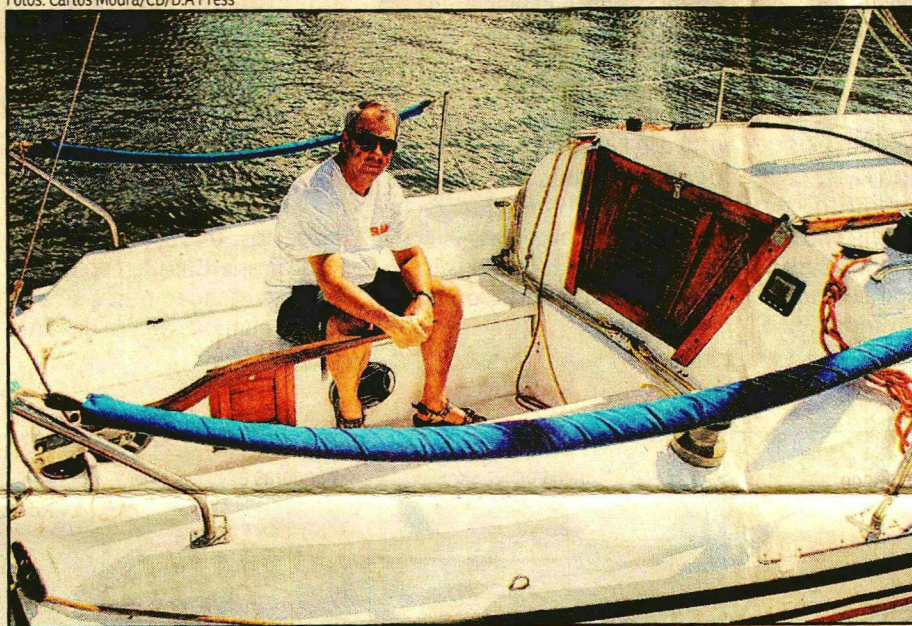
Em mais de 100 quilômetros de extensão, frequentadores enfrentam muitos riscos no Paranoá

# Lago esconde armadilhas

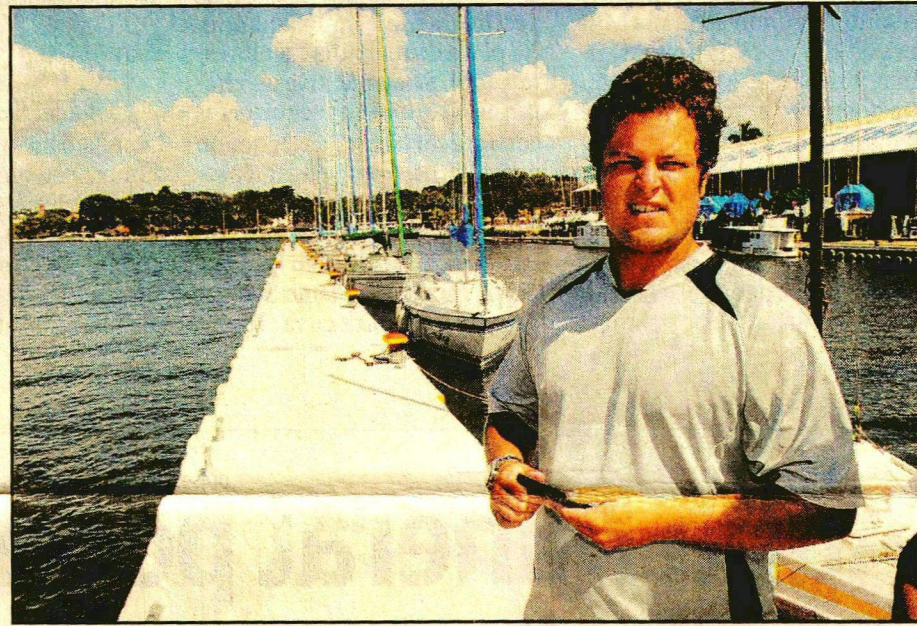
## ALERTA

Com a ajuda dos bombeiros, da Marinha e da Federação Náutica de Brasília, o **Correio** mapeou os 18 pontos considerados de alto risco no Paranoá. Entre eles, o Pontão do Lago Sul e a Barragem

Fotos: Carlos Moura/CB/D.A. Press



Guilherme Raulino garante que a maioria dos abusos ocorridos no lago não chega ao conhecimento da mídia. Alexandro coleciona histórias que quase resultaram em colisões



» SAULO ARAÚJO

Nos fins de semana de sol, ricos e pobres se reúnem ao longo dos 111 quilômetros de margem do Lago Paranoá para desfrutar das belezas que ele oferece. Os amantes da navegação aproveitam as águas calmas para passear com a família ou amigos em seus barcos. Já os mais radicais promovem competições a vela, jet-ski, windsurf e wakeboard. Mas por trás da beleza estão os perigos. Com a ajuda do Corpo de Bombeiros, da Federação Náutica de Brasília (FNB) e da Marinha do Brasil, o **Correio** mapeou os 18 pontos considerados de maior risco do lago, sendo 11 para banhistas e sete vulneráveis a colisão entre embarcações.

O Pontão do Lago Sul é uma das regiões mais críticas, devido à grande concentração de pessoas em sua orla, fato que leva pilotos de lanchas e de jet-skis a trafegarem bem próximos do pier. "Normalmente, são jovens que querem chamar a atenção executando manobras para o público que os assiste. Isso pode ser perigoso, pois naquela área existem muitos banhistas", afirmou o capitão do 1º Batalhão de Busca e Salvamento (1º BBS) do Corpo de Bombeiros, Luís Cláudio da Fonseca.

A Barragem do Paranoá também é outra região que faz com que os socorristas redobrem a atenção. É onde fica o lugar mais profundo do lago — 40 metros. Tornou-se um ponto de encontro entre donos de barcos movidos a motor. Em um domingo à tarde é possível encontrar até 30 embarcações atracadas. Enquanto seus ocupantes se divertem, pessoas se refrescam nas águas. A maioria dos banhistas que frequenta essa área é moradora do Paranoá e divide o espaço com as embarcações que chegam e saem a todo momento. "É uma região sensível. Temos sempre atuado ali no sentido de orientar sobre os riscos de alguém ser atingido por uma



**Não é necessário a Marinha colocar todas as suas embarcações no lago todos os dias. Basta intensificar nos fins de semana"**

**Homero Martins,** vice-presidente da Federação Náutica de Brasília

## Segurança

A Lesta dispõe sobre a segurança do tráfego aquaviário em águas brasileiras. Abrange embarcações brasileiras, exceto as de guerra. Traz as regras que devem ser seguidas ao conduzir uma embarcação, a obrigatoriedade de comunicação de acidentes, entre outras questões.

embarcação, ou se afogar, já que é o ponto mais profundo do lago", ressaltou o capitão Luís Cláudio.

## Sorte

Colisões no Lago Paranoá são comuns, de acordo com Guilherme Raulino, 60 anos, que há 48 veleja no lago. Segundo ele, grande parte dos casos não chega ao conhecimento da mídia porque não há vítimas. "Não tem muito tempo que um jet-ski cravou em uma lancha. Por muita sorte, ninguém se feriu com gravidade", contou ele, afirmando que a

maioria dos acidentes náuticos está atrelada à falta de conscientização dos donos de barcos. "Fala-se muito que falta fiscalização. Isso não é verdade. A Marinha faz um bom trabalho, mas não consegue impedir todos os imprudentes de fazerem besteira. Domingo à tarde é uma temeridade ficar no lago", frisou Guilherme.

O também velejador Alexandro Figueiredo de Freitas, 25 anos, nunca se envolveu em acidentes, mas coleciona histórias que quase resultaram em batidas. "Domingo passado mesmo um cara num jet-ski estava fazendo manobras arriscadas e, por muito pouco, não bateu em mim. Em outra ocasião, uma lancha navegava à noite totalmente apagada. Se eu não desvio, ia ser uma batida feia", contou.

Para o vice-presidente da Federação Náutica de Brasília (FNB), Homero Corrêa Martins, a fiscalização exercida pela Capitania dos Portos não é eficiente. E, para ele, uma sugestão para torná-la mais eficaz é aumentar as abordagens nos fins de semana, principalmente para coibir o abuso da velocidade. "Não é necessário a Marinha colocar todas as suas embarcações no lago todos os dias. Basta intensificar nos fins de semana. O acidente com a lancha foi um fato isolado", considera. Ele se refere ao naufrágio (Leia Memória) da lancha Front Roll, na madrugada do último dia 22. Na ocasião, duas irmãs morreram.

O comandante da Delegacia Fluvial de Brasília, o capitão de corveta Rogério Leite, destacou que uma das medidas para evitar acidentes entre embarcações no lago é estimular os condutores a seguirem a **Lei de Segurança de Tráfego Aquaviário (Lesta)**. "A Marinha já intensificou as operações, mas pedimos que os condutores de embarcações sigam as regras. Não podemos culpar sempre o poder público quando ocorre uma tragédia", destacou o oficial.

## Memória

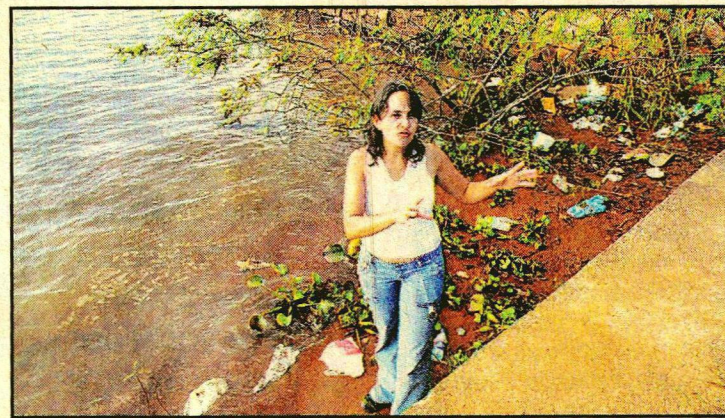
Bruno Peres/CB/D.A. Press



## Naufrágio na madrugada

Na noite do último dia 22, ocorreu o maior acidente náutico já registrado na história do Lago Paranoá. Após saírem de um churrasco, numa casa na QL 15 do Lago Norte, 11 jovens resolveram fazer um passeio em uma lancha que só tem capacidade para seis pessoas. Na volta, a embarcação naufragou. Nove pessoas conseguiram se salvar, mas as irmãs Juliana e Liliane Queiroz de Lira, 18 e 21 anos, respectivamente, não tiveram a mesma sorte. Elas desapareceram nas águas do lago e os corpos foram encontrados 80 horas depois do acidente, por mergulhadores do Corpo de Bombeiros.

O condutor da embarcação, o técnico em informática José da Rocha Costa Júnior, 33 anos, foi indiciado por homicídio culposo, quando não há intenção de matar. O delegado responsável por conduzir as investigações, Silvério Moita, que chefia a 9ª Delegacia de Polícia (Lago Norte), entendeu que ele agiu com negligência ao superlotar a lancha, não oferecer coletes salva-vidas para as pessoas que não sabiam nadar e beber antes de assumir a direção do barco. A Polícia Civil e a Marinha periciaram a lancha. O resultado dos laudos deve sair em 10 dias. (SA)



Claudione fica revoltada ao ver a margem do lago tomada pela sujeira

## Depósito de lixo

Portas velhas, cadeiras quebradas, mesas sem os pés, pneus furados, brinquedos danificados e até colchões rasgados. Todos esses objetos sem utilidades foram encontrados boiando nas águas do Lago Paranoá. A falta de consciência de muitos moradores do DF transformou o lugar, construído a mando do presidente Juscelino Kubitschek com o propósito de aumentar a umidade da capital, num depósito de lixo. No ano passado, o Serviço de Limpeza Urbana do DF (SLU/DF) recolheu 55 toneladas de lixo do lago. Em 2008, foram 62 toneladas.

O superintendente de Operações do SLU, Divino Dias Santana, aponta quatro pontos no lago onde a sujeira se concentra mais. O primeiro fica nas proximidades da Ponte do Bragueto. Lá, os sólidos que contaminam o lago chegam por meio de uma grande galeria de água pluvial que desemboca naquela região. "Tem gente que acha que não está agredindo o meio ambiente jogando um papel de bala no chão, mas está, sim, pois quando cada pessoa joga um papel desse, junta tudo e vai parar no lago", afirmou.

No mapa da sujeira do lago, outro lugar que aparece em posição de destaque negativo é o

perímetro da Concha Acústica, que fica no Setor de Clubes Norte, ao lado do Museu de Arte de Brasília. Diferentemente da Ponte do Bragueto, os detritos são jogados diretamente na água pelos frequentadores. Os mais comuns são latas, garrafas pet, embalagens de alimentos e sacos plásticos. O mesmo cenário é possível de encontrar na Prainha, que costuma receber centenas de visitantes nos fins de semana.

## Afluentes

Quatro afluentes desembocam no Paranoá: os ribeirões do Torto, do Gama, do Riacho Fundo e do Bananal. O penúltimo é um dos que mais levam detritos para o lago. Seu curso passa por cidades como Riacho Fundo, Guará, Núcleo Bandeirante e Vicente Pires e carrega elevados índices de substâncias e resíduos sólidos prejudiciais à qualidade da água.

A autônoma Claudione Nogueira, 33 anos, se revolta ao andar pela Concha Acústica. "É muito triste um lugar deste, que é tão bonito, sujo desse jeito. Aqui na margem você encontra de tudo. Tento fazer minha parte, catando o que consigo, mas nem todo mundo tem essa consciência", reclamou. (SA)